Para mim, ainda era inverno, independentemente do que qualquer outra pessoa dissesse. Os sinais estavam em todo lugar — no ar, nas nuvens. Eu podia notar só pela rapidez com que meu nariz esfriava, e a maneira como minhas pálpebras começavam a cair na aula... Ok, talvez essa parte última tenha sido menos um evento sazonal e mais um elemento básico do ano. Mesmo assim, havia algo sobre o inverno que me deixava propensa a cochilar o tempo todo, independentemente de quanto eu dormisse na noite anterior. Talvez meu corpo só quisesse hibernar. *Hibernaria se eu pudesse.*

Era 4 de fevereiro — apenas mais uma tarde comum. As aulas finalmente haviam terminado, e o clima na sala era leve e alegre. No instante em que o sinal tocou, um punhado de pessoas saltou de suas cadeiras e correu para suas atividades de clube ou algo semelhante. Enquanto os observava partir, pensei: *Ah, a experiência clássica do ensino médio*. Ao mesmo tempo, no entanto, não gostei da rajada de ar frio que substituiu os alunos ao correrem para o corredor. *Brrr*. Eu nunca poderia me imaginar saindo tão animada pra *essas coisas*.

Agora que as férias de inverno haviam acabado, nossa disposição dos assentos mudou, assim como seis meses antes, no final das férias de verão. Como resultado, fui deslocada do centro da sala para o fundo, perto da porta. Pessoalmente, fiquei feliz por ter um pouco mais de distância entre mim e o púlpito; talvez agora os professores não me lançassem olhares irritados toda vez que eu bocejasse. Infelizmente, essa liberdade teve um preço: uma rajada

gelada toda vez que a porta se abria. Isso me mantinha mais alerta do que eu gostaria.

“E agora…”

Quais eram meus planos para depois da escola? Ir direto para casa? Ou descobrir se Adachi precisava conversar comigo sobre algo?

Aqui estávamos nós, no início de um novo mês, e Adachi ainda estava agindo de maneira estranha. Por outro lado, só me lembrava dela agindo igual gente por aproximadamente o primeiro mês depois que a conheci. Até onde sei, talvez esse comportamento estranho fosse o jeito normal dela. Ou talvez ela se acalmasse de novo quando o verão chegasse. *Oh, Adachi, o que vou fazer com você?*

Ela olhou por cima do ombro e nossos olhos se encontraram. Ela congelou; eu retribuí o olhar como um cervo diante dos faróis de um carro, com meu livro pairando desajeitadamente sobre minha mochila aberta. Estávamos um pouco longe demais para manter uma conversa, mas aquele concurso de olhares não era exatamente uma ótima alternativa. Então, antes que eu pudesse me recuperar, Adachi desviou o olhar e começou a mexer em sua franja, então voltei a arrumar minha mochila.

Nos últimos dias, descobri que era realmente difícil ter uma compreensão sólida da minha amizade com ela.

Ela frequentemente me lançava esses olhares furtivos durante o almoço ou depois da escola. Nunca durante a aula, pois todos a veriam fazendo isso. Em vez disso, ela parecia ter o ataque mais silencioso do mundo. Num minuto, ela corava loucamente do nada, e no seguinte, enterrava o rosto no livro didático ou ficava alisando o cabelo, inquieta. Zero tranquilidade. Naturalmente, tudo isso acontecia bem na minha linha de visão, porque a mesa dela foi colocada no centro da sala, onde costumava ser a minha. Como ela ficava se mexendo de um lado para o outro, só podia imaginar a luta que a garota sentada atrás dela enfrentava apenas para copiar as anotações do quadro.

“Oi, *Shee-ma*! Sou eu, *Hee-no*!” chamou uma voz radiante com pele igualmente radiante — ou seja, muito queimada de sol.

Claro, era definitivamente a Hino, mas ela parecia estar tentando (e falhando) fazer algum tipo de sotaque estrangeiro. Pensando bem, eu me lembrava de que ela tinha viajado para o exterior com sua família no Ano Novo. Enquanto o resto de nós tremia de frio no inverno, ela parecia ter saído direto da praia.

"Isso era para ser australiano?" eu perguntei.

Talvez Hino tivesse voltado ao Japão com mais do que apenas um bronzeado profundo.

"Você já percebeu como pode fazer seu nome soar mais como uma marca se pronunciá-lo como um falante de inglês?" perguntou Hino. "Estávamos falando sobre isso."

Ao lado dela, Nagafuji acenou com a cabeça sabiamente. Por vezes, eu me perguntava como diabos as duas chegaram a essa conclusão.

“Ah, mas, pensando bem, ‘Shimamura’ já é uma marca, não é? Escrito da mesma forma e tal.”

“Não, na verdade, não é!”

Nagafuji continuou acenando com a cabeça, mas eu não fazia ideia com quem ela estava concordando.

“Enfim, só queria dizer oi. Até mais!”

Com um aceno, Hino saiu da sala de aula, seus braços bronzeados contrastando fortemente com o inverno japonês branquíssimo. Nagafuji começou a segui-la, mas parou abruptamente e voltou, como se tivesse acabado de pensar em algo. Ao contrário de sua outra metade, ela estava pálida como um fantasma.

“Tem jogado bastante ultimamente?” ela perguntou, empurrando os óculos para cima do nariz.

“O quê?”

Ela balançou o braço para baixo em um movimento de arremesso, embora eu me distraísse mais com o balanço de seu peito. *O que será que ela... Ahhhh, o bumerangue. Certo.*

“Ah, sim, com certeza,” eu disse. “Minha irmã, bem… ela adorou.”

Pelo menos era o que ela dizia. Nem me importava o fato de que eu podia sentir a tal “irmã” me observando exatamente naquele momento.

“Diga a ela que podemos fazer uma competição de arremesso quando ela praticar o suficiente.”

“Ah, bem… claro,” eu disse.

Com isso, Nagafuji seguiu atrás de Hino, deixando-me com uma promessa que eu não conseguiria cumprir. Eu realmente não conseguia imaginar Adachi se inscrevendo em qualquer tipo de "competição de arremesso", então, se Nagafuji

estava procurando um parceiro para jogar bumerangue, teria mais sorte pedindo para Hino.

Dito isso, eu pressentia que Hino provavelmente não iria se empenhar, da mesma forma que Nagafuji nunca ia pescar. Mas elas ainda eram boas amigas, mesmo que não compartilhassem 100% de suas vidas. Eu gostava disso nelas. Era saudável ter um pouco de distância.

“Austrália, hein...?”

Sem dúvidas, eu estava com um pouco de inveja. Não só nunca tinha pisado fora do Japão, como também nunca tinha viajado de avião. Eu pelo menos já tinha andado de trem-bala, obviamente, mas isso era diferente para mim. Não sei exatamente por quê.

Assim que a porta da sala se fechou e eu não senti mais o ar gelado do corredor entrando, decidi que era hora de ir para casa. No instante em que comecei a me levantar da cadeira, no entanto, percebi alguém pairando perto da minha mesa. Congelada no lugar com os joelhos meio dobrados, olhei para cima e encontrei Adachi ali.

"E aí?" perguntei, desajeitada.

"Ah... oi," ela respondeu, igualmente desajeitada.

Como eu tinha almoçado com Hino e Nagafuji, essa era a primeira vez que eu ouvia a voz da Adachi hoje. Lembro-me de que tentei convidá-la para se juntar a nós, mas ela saiu correndo. Aparentemente, ela não se sentia à vontade perto delas.

Não que eu não pudesse entender isso, é claro. Só porque elas eram minhas amigas, não significava automaticamente que eram amigas dela também.

“Você está... livre hoje?” ela me perguntou, hesitante.

“Hmm?”

“Você quer, talvez, fazer uma viagem — não, quero dizer, tipo, um passeio ou algo assim?”

Por que ela sempre tinha que amortecer suas palavras com “talvez” ou “algo assim”? E por que ela parecia tão nervosa?

"Então, basicamente, você quer sair para algum lugar?"

Adachi acenou levemente com a cabeça, e por um momento considerei dizer: "Não, obrigada, está muito frio." Mas percebi que poderia parecer rude, então

pensei melhor. Para mim, a parte mais cansativa de qualquer relacionamento era ter que escolher minhas palavras. Eu não era nem de longe eloquente o suficiente para reformular minhas frases de improviso, então demorava um pouco. *Se ao menos eu pudesse escolher uma opção de diálogo de uma lista pré-determinada como em um videogame...*

“Ah, mas se você estiver ocupada, tudo bem. Não tem problema,” Adachi acrescentou, acenando com as mãos como se estivesse levantando uma barreira preventiva. Esse gesto defensivo era um sinal claro de alguém que não tinha confiança em como a outra pessoa responderia. Esse medo da rejeição inevitavelmente levava a pessoa a presumir o pior e se precipitar. *Compreensível.*

No meu caso, no entanto, o gesto de Adachi apenas me fez querer brincar com ela.

“Ah, sim. *Super* ocupada. Fico tão feliz por entender,” brinquei de forma afável.

Infelizmente, essa piada não teve efeito. De jeito nenhum. Não só ela não riu, como também murchou completamente. Mais um passo, e senti que ela poderia simplesmente começar a chorar. Entrando em pânico internamente, mudei de rumo no mesmo momento.

"Vamos lá, você já deveria saber a resposta a essa altura. Não me faça parecer uma perdedora," eu ri, esperando amenizar a situação.

"Desculpa," ela murmurou, sem jeito.

Ugh, agora a fiz se desculpar. A culpa lentamente começou a me consumir. Nesse ponto, eu não poderia recusar sem causar algum dano sério.

“Ok, olha… foi uma piada. Uma piada ruim. Sinto muito por brincar com você assim, porque eu realmente quero ir.”

De repente, a expressão rígida de Adachi amoleceu, como se seu corpo inteiro tivesse se derretido. Ela era o tipo de garota que sempre mostrava suas emoções claramente, e eu, pessoalmente, apreciava a falta de ambiguidade.

Quanto a mim, eu só tinha ficado mais e mais complicada conforme envelhecia. *Provavelmente algo em que eu deveria prestar mais atenção.*

“Tem algum lugar em particular que você gostaria de ir?” eu perguntei, sabendo bem que a resposta seria não.

“Na verdade, não, mas…”

“Mas?” eu incentivei, já que parecia que ela tinha mais a dizer.

“Eu meio que quero algo doce.”

Adachi olhou para o chão, enterrando o queixo em seu cachecol. A parte superior e inferior de seu rosto se moviam em direções opostas; seu olhar estava voltado para a direita, enquanto seus lábios se curvavam para cima em um meio sorriso rígido. Um feito e tanto, para dizer o mínimo. Não sei se conseguiria replicar.

“Então, você quer pegar algum tipo de lanche doce?” eu perguntei. *Será que o açúcar resolveria o que está acontecendo com o rosto dela?*

Por algum motivo, os ombros dela se encolheram em resposta. “Ah... sim. Um lanche.”

“O quê, então um lanche não doce?”

“Não, não, doce está bom,” ela respondeu com uma vozinha que eu mal conseguia distinguir através dos lábios poutados.

Por algum motivo, parecia que eu estava perdendo algo, mas, bem, pelo menos eu tinha uma ideia geral do que ela queria. Se fôssemos ao shopping, poderíamos comprar todos os tipos de comida não saudável — mais doce do que salgado. *Ou poderíamos pegar rosquinhas novamente. Parece bom, na verdade.*

Para ser capaz de mudar, é bom ter memórias decentes para serem lembradas. Eu tinha deixado muitas coisas no passado até agora, e isso não estava prestes a parar tão cedo. No entanto, enquanto eu tivesse algumas pequenas memórias agradáveis para relembrar, isso era o suficiente para mim. Para facilitar isso, eu teria que criar as memórias eu mesma. Jogue bastante espaguete na parede, como diz aquele ditado.

Decidi passar minha tarde com Adachi, que ainda estava agindo de maneira estranha como sempre.

Sim, apenas mais uma tarde comum.

***

A julgar pela minha tendência de andar de carona na bicicleta da Adachi, talvez eu ainda fosse, tecnicamente, uma má influência por dentro. Claro, de acordo com minha irmã mais nova, eu sempre seria um “mau elemento” enquanto meu cabelo estivesse descolorido... Mas, ultimamente, eu não tinha certeza do que fazer com ele. Meu cabelo, quero dizer. Com as raízes escuras começando a aparecer, eu parecia um pudim queimado.

Devo recomeçar a descolorir ou deixá-lo crescer? De qualquer forma, eu precisava escolher uma opção e me comprometer com ela. Não podia ficar em cima do muro para sempre.

Pouco menos de vinte minutos depois, chegamos ao destino escolhido por Adachi: o grande shopping que havíamos visitado juntas no Natal. Seu vasto e expansivo estacionamento estava fracamente iluminado sob o sol poente.

Adachi e eu não éramos as únicas adolescentes por ali. Muitas pessoas circulavam vestidas com uniformes de outras escolas, todas exalando vapor branco. A visão me lembrou de quão frio estava lá fora, o que, por sua vez, fez um calafrio percorrer minha espinha. Como eu ansiava por me reunir à mesa quente e aconchegante do kotatsu em casa. *Mas isso só aconteceria em algumas horas*, pensei enquanto observava Adachi trancar sua bicicleta.

Alguns passos dentro do shopping, ela estendeu a mão e beliscou meu dedo indicador entre os dela, segurando-o, hesitante. A pele dela estava tão quente quanto o shopping, ou seja, *bem quente*. Enfim, mais quente do que lá fora.

“Podemos...?”

Parece que ela queria segurar as mãos. *Bem, pelo menos ela começou a pedir permissão antes. Isso é uma avanço... eu acho*. Um rubor rosa percorreu suas bochechas em linha reta, possivelmente devido à mudança de temperatura.

“Vá em frente,” eu acenei com a cabeça, e um momento depois, ela agarrou minha mão com força, como um grampo. Ela olhou para nossos dedos entrelaçados por um momento e então apressadamente baixou nossos braços de volta aos nossos lados.

Eu realmente não me importava em segurar a mão dela, mas me incomodava o jeito que ela sempre ficava tão tensa com isso. Ela olhava para frente, quase como se tudo do pescoço para cima estivesse congelado no lugar. *Se eu batesse na bochecha dela, ouviria um eco? Será que ela ainda é humana? Ela nem está piscando!*

“Então, o que vamos fazer? Pegar algo doce?”

“Sim,” Adachi assentiu de forma rígida.

“Certo, bem, tem uma loja de rosquinhas logo ali,” eu sugeri, já que era totalmente possível que ela não conseguisse virar a cabeça para ver.

Não era da mesma rede que fomos na estação de trem, mas ainda assim era bem decente, na minha opinião. E, como rosquinhas são cerca de 90% açúcar, a loja parecia uma solução satisfatória para a vontade dela. Ainda assim, eu tinha a sensação de que, se entrássemos, Yashiro apareceria do nada e ficaria na fila atrás de nós... ou será que ela apareceria mesmo?

Adachi parou abruptamente, virou-se e espiou a loja de rosquinhas — até na ponta dos pés. *O que diabos ela está fazendo?* Eu a observei por um momento, e

então segui o exemplo, virando-me para a frente da loja. Esta loja de rosquinhas estava bem perto da entrada principal do shopping, e tinha poucas paredes, permitindo que os transeuntes vissem claramente o balcão de exibição.

Claro, isso significava que os funcionários também podiam nos ver. Eu sentia que eles nos olhavam — a esquisitona e a garota curiosa segurando sua mão. Ou talvez fosse só a coisa de segurar as mãos. *É realmente tão estranho? Hmm. Acho que é.* Desviei o olhar.

Diagonalmente, atrás de nós, havia um painel de informações com os horários dos filmes listados. Um casal de sexos opostos estava em frente a ele, de mãos dadas enquanto olhavam para cima e para baixo. Coisas bem normais. Da mesma forma, uma mãe segurava a mão de seu filho pequeno enquanto entravam em uma loja EDION nas proximidades. A mãe se inclinou um pouco para acompanhar o passo do filho, e parecia cansada, mas, fora isso, tudo parecia normal.. Então, lá estávamos eu e Adachi... Não éramos um pouco velhas demais para ficarmos de mãos dadas?

“Nngh...”

Eu gemi antes que pudesse parar. Sentia como se todo o ecossistema natural do shopping tivesse dado uma olhada para nós e parasse abruptamente. Todos os olhos estavam voltados para nossas mãos murchas e mornas.

Infelizmente, já era tarde demais para desfazer o que tinha acontecido e fingir que nunca aconteceu. Isso se aplicava a muitas coisas, na verdade. Quando se tratava de relacionamentos, terminar as coisas sempre era mil vezes mais difícil do que começar. Veja este momento, por exemplo: eu poderia soltar minha mão agora? Não. Minha vida me havia levado a essa situação, e tudo o que eu podia fazer era continuar seguindo o fluxo para ver aonde ela me levaria a seguir.

Seria preciso muita coragem e convicção para desviar esse trem — e esses eram luxos que eu simplesmente não tinha.

“Não,” Adachi murmurou em voz baixa, e depois me olhou ansiosamente, como costumava fazer de um tempo pra cá. Quando nos conhecemos, ela costumava ser muito mais relaxada, mas, infelizmente, não era mais assim. “Desculpe, mas eu não estou realmente… afim disso.”

“Tudo bem.” Eu não sabia exatamente o que isso significava, mas decidi aceitar. Faça o que achar melhor. “Está com vontade de algo mais japonês?”

“Não... exatamente...” Ela inclinou a cabeça para mim, confusa.

Você acha que VOCÊ está confusa? Tente ser eu agora!

“Tem algo em mente?”

“Hã? Ah, uh, não... sim, não.” Ela balançou a cabeça. *Espera, mas então, como você sabe que não quer doces japoneses?*

Minha amiguinha estava especialmente caprichosa hoje, e eu me peguei desejando que ela fosse direta comigo, pelo menos por uma vez. Eu a visualizei na minha mente: Adachi, perfeitamente eloquente o tempo todo.

É, não, essa não é a Adachi.

Esse filhote de cervo tremendo que eu via diante de mim? *Essa* era a minha Adachi.

Sem um destino claro em mente (pelo menos, até onde eu sabia), ela começou a andar, e eu a segui. “A propósito, eu queria te perguntar…”

“Sim?” disse Adachi.

“Você acha que eu devo descolorir o cabelo novamente ou voltar para a cor natural?” perguntei, mexendo com uma mecha aleatória. Se eu não conseguisse decidir por conta própria, claramente precisava da perspectiva de alguém de fora para me ajudar a tomar a decisão final.

Ao ouvir minha pergunta, Adachi passou o olhar por mim — do couro cabeludo até os sapatos. *Não tenho certeza o que meus sapatos têm a ver com isso, mas tudo bem.* Talvez ela estivesse levando em conta o meu estilo geral antes de responder. Após uma longa e minuciosa análise, ela fechou os olhos, como se estivesse imaginando as duas opções de cabelo.

Você sabe que não é tão sério, né?

Com os olhos fechados, ela estava completamente desarmada. Não pude deixar de pensar em todas as pegadinhas que eu poderia fazer com ela agora. Eu poderia beliscar seus lábios até eles ficarem inchados como salsichas, ou esticar suas bochechas até ela parecer um esquilo... *Ai, estou parecendo uma criança. Que vergonha.*

Então Adachi abriu os olhos, e eu oficialmente perdi a chance de brincar com ela. Ela olhou para a raiz do meu cabelo e franziu a testa.

“Eu nunca vi a Shimamura *dark*, então é difícil dizer com certeza.”

“É, eu mantenho meu lado *dark* bem guardado! Hehe!” Eu brinquei após uma pausa.

Para ser honesta, eu não gostava muito de como soava “Shimamura *dark*”, mas tudo bem. Certamente, se você me pedisse para escolher entre “Shimamura

dark” e “Shimamura *light*”, a primeira parecia mais *legal*. Mas deixemos isso de lado.

“Veja, eu estou meio que dividida agora, então preciso tomar uma decisão em breve,” eu expliquei, passando a mão pelo meu cabelo para mostrar a ela. Por algum motivo, enquanto os fios escorriam pelos meus dedos, Adachi estendeu a mão e os agarrou — como se ela fosse a outra metade de uma ampulheta e meu cabelo fosse a areia.

Por falar nisso, venho querendo comprar uma ampulheta faz um tempo. Tento me lembrar de comprar uma, só para inevitavelmente esquecer depois. O plano sempre me escapa... como areia. Poético.

Adachi olhava o cabelo na palma da mão dela com tanta intensidade que eu comecei a me perguntar se ela tinha uma opinião pessoal sobre o assunto.

“Algo de errado?” perguntei.

Ela imediatamente lançou meu cabelo para longe. “Nada,” ela disparou.

Não parecia muito com “nada”, pensei enquanto alisava meu cabelo, mas preferi não dizer nada.

No fim, não consegui uma resposta clara dela sobre o meu cabelo. Em vez disso, ela simplesmente começou a caminhar. Passamos pelo KFC, pelo OOTOYA, e pelo Shabu Sai, até chegarmos a uma passagem que se ramificava. Lá, do lado direito, estava uma confeitaria de estilo ocidental.

“E quanto a essa?” sugeri. Mais uma vez, Adachi esticou o pescoço para espiar dentro. *O que há de errado com você?*

“Sim, essa parece boa,” ela respondeu. *Finalmente*. Eu estava morrendo de curiosidade para saber quais eram os seus padrões elevados, mas o olhar de esquiva no rosto dela sugeria que ela não estava prestes a me contar.

A placa amarela da loja estava adornada com um desenho de um velho chamado... *Beard? Sério? Nossa, que criativo.* Um aroma delicioso e macio de massa pairava no ar, entrando pelas minhas narinas e fazendo cócegas na parte de trás da minha garganta. Pela aparência, os produtos principais da loja eram croissants de creme, *choux au craquelin* e cheesecakes. Definitivamente açucarado e definitivamente não japonês. Isso certamente atenderia aos requisitos da Adachi, certo?

A loja também oferecia “puffs de creme de chocolate em edição limitada”. Mas, para ser honesta, eu não conseguia diferenciá-los dos puffs de creme fritos de cor marrom-escura que estavam ao lado. Olhei por cima do ombro da Adachi

para o cartaz atrás dela e percebi para o que os doces de chocolate em edição limitada eram: Dia dos Namorados.

Ah, certo. Eu tinha esquecido que o Dia dos Namorados estava se aproximando.

Eu precisaria comprar algo para minha irmãzinha chata, ou então ela nunca me deixaria em paz. E neste ano, eu já podia prever Yashiro em pé ao lado dela, estendendo as mãos pequenas com expectativa. Soltei um pequeno suspiro.

Com passos longos e desajeitados, Adachi cambaleou ao meu redor até alcançar meu lado oposto — ainda segurando minha mão, é claro. Naturalmente, isso me fez girar em círculo para acomodá-la. A palma dela estava ficando suada, e ela estava fazendo a mesma coisa de inclinar o pescoço, espiando atrás de mim da maneira mais disfarçada possível.

Eu me virei para seguir o olhar dela. Apenas uma coisa de interesse estava atrás de mim: o cartaz do Dia dos Namorados com produtos em edição limitada.

“Dia dos Namorados,” Adachi murmurou. Sua voz quebrou um pouco enquanto ela lia o restante do anúncio em voz alta, com os olhos um pouco vidrados.

“É, é isso que está escrito,” concordei.

Ela começou a engasgar, seu olhar se movendo inquieto de um lado para o outro. *Menina, relaxa.*

“Já é… *hic* …essa época do ano, né?”

Como você pode imaginar, os soluços tornavam impossível para Adachi manter a calma, por mais que ela tentasse. Felizmente, nem eu era tão desatenta.

“O que tem de mais?” perguntei.

No mesmo momento, Adachi ficou visivelmente envergonhada. “Hã? Ah, bem, não é… *hic* …não é nada, na verdade,” ela gaguejou. Seus olhos se moviam em todas as direções como se estivessem desenhando uma espiral, seu rosto continha uma sequência de expressões coloridas, suas palavras pontuadas pelos soluços ocasionais.

Será que ela me trouxe à confeitaria para iniciar uma conversa sobre o Dia dos Namorados? Isso explicaria por que ela havia evitou as rosquinhas. *Que confusão*. Ou talvez “enrolação” seja mais adequado do que “confusão,” considerando o círculo que ela fez ao meu redor agora. *Acho que isso me torna o alvo da situação.*

Adachi queria conselhos sobre presentes? Se sim, então quem iria receber? Ela tinha algum namorado secreto que eu não conhecia? De jeito nenhum.

Impossível. Se ela tivesse, *certamente* eu teria notado sinais até agora, e, acredite, eu não tinha. Na verdade, nunca a vi passar tempo com *ninguém*, além de... bem... de *mim*.

O que significaria que... “Sou eu?”

Esse foi o resultado ao qual cheguei por meio do processo de eliminação.

Adachi estremeceu e cambaleou para trás até parecer que ia cair. Pensando rápido, eu a puxei pela mão que já segurava — mas então ela tropeçou para frente com o impulso, seu rosto colidindo com meu peito. Resultado final: um abraço surpresa que eu não sabia que queria. Agora, eu podia sentir seu cheiro misturado com a fragrância açucarada dos doces.

Adachi congelou, curvada contra mim, e naquele momento eu não tinha certeza do que fazer em seguida. Considerando nossa diferença de altura, não era exatamente a posição mais natural para se ficar, e eu não conseguia sustentar seu peso facilmente.

Seus olhos ainda estavam arregalados, congelados de choque. Eu observei enquanto, bem diante dos meus olhos, o sangue subia para sua cabeça, começando pelo pescoço e lentamente subindo até o couro cabeludo. Enquanto isso, seu olhar rondava em uma velocidade que eu não sabia ser humanamente possível. Nunca tinha visto nada igual.

Dominada pela emoção, ela lentamente se levantou, usando meus ombros como apoio. Então, um momento depois, pareceu voltar à realidade. O sangue drenou de seu rosto e ela agarrou o cabelo. Depois, começou a balançar a cabeça vigorosamente em negação. Que tipo de negação, eu não sabia, mas ela estava saltitando para todos os lados como um daqueles brinquedos com mola. Basta dizer que isso estava... meio que me assustando.

Eu não podia simplesmente deixá-la calapsar bem na frente da loja, para evitar causar uma cena. Eu a puxei, dando passos largos e desajeitados enquanto a arrastava. Do outro lado do corredor havia um restaurante japonês, com sua vitrine toda decorada com... atum. *Romântico*. Felizmente, essa distância maior do pôster do Dia dos Namorados parecia ajudar Adachi a se acalmar.

Considerando a maneira artificial como ela tentou iniciar essa conversa, eu não tinha muita certeza do que ela estava prestes a dizer, mas decidi lhe dar um minuto. Finalmente, ela perguntou: "Você tem... planos... para o dia catorze?"

"Não."

Como eu suspeitava, estava certo. Era como a situação do Natal, mais uma vez. Aparentemente, as atitudes estranhas de Adachi eram um precursor confiável de algum tipo de convite. Parece que aprendi algo novo sobre ela.

"Então... você gostaria de... sair nesse dia?"

Ela falava hesitante, como se tivesse desistido de tentar manter a compostura. Provavelmente era o melhor a fazer. Sua boca se abria e se fechava sem palavras, enquanto seus olhos olhavam para mim em busca de ajuda. Suas orelhas, seu nariz e até mesmo a parte de trás de suas mãos ficaram vermelhas até quase combinar com a vitrine de atum atrás dela.

Adachi-atum... Isso quase soa como se pudesse ser uma espécie real. Atum-rabilho, atum-bigeye, Adachi-atum...

Rapidamente afastei esse pensamento idiota. Não íamos chegar a lugar algum se eu não dissesse algo. E rápido.

“Bem, ah… você quer que *eu* te compre chocolate, ou *você* quer me dar chocolate?”

Eu tinha a sensação de que essa não era a pergunta certa a se fazer, mas não conseguia me segurar. Com o olhar perdido, Adachi girava seus dedos indicadores um em torno do outro em um pequeno círculo.

“Eu quero que você — bem, na verdade, tanto faz — quer dizer, tipo, uma troca e tal?”

Nós duas, é? Era mais do que eu esperava que ela pedisse. Ainda assim, pelo menos agora eu podia ver onde ela queria chegar.

“Hmmm…”

Eu já tinha comprado chocolate para minha irmã antes, mas nunca para uma amiga, e as duas coisas não eram exatamente iguais. Claro, Hino e Nagafuji faziam isso todo ano, supostamente… mas eu e Adachi?

Eu me imaginei no lugar delas — eu como Hino e Adachi como Nagafuji. *Não, de jeito nenhum*. A amizade delas estava em um nível completamente diferente; minha amizade com a Adachi não poderia durar tanto quanto a delas. Quantos anos ainda teríamos, afinal? Conseguiríamos chegar até o final do ensino médio? Ou acabaríamos em turmas diferentes no próximo ano e, gradualmente, nos distanciaríamos? *Não seria a primeira vez.*

No ensino fundamental, nem se me pagassem eu entraria em outras salas de aula. Provavelmente porque havia professores lá na maior parte do tempo. Ou talvez fosse porque eu sabia que não “pertencia” àquelas salas, então não me sentia confortável em “invadir.” Certa vez, perdi uma amiga por causa disso... e agora nem conseguia lembrar o nome dela.

Além disso, agora que estava no ensino médio, tudo isso parecia esforço demais. Eu não conseguia me imaginar passando por toda essa dificuldade de... *espera um pouco*.

Agora que paro para pensar, era bem provável que Adachi me procuraria, não importando a mudança de classe. Talvez uma simples troca de turma não fosse suficiente para acabar com nossa amizade. De alguma forma, esse pensamento me tranquilizou.

Eu já conhecia a Adachi há tempo suficiente para ter uma noção de quem ela era como pessoa, e essa ideia de trocar chocolates era tão... a cara dela. Considerando o jeito como ela sempre aproveitava qualquer oportunidade para segurar minha mão, dava para perceber que ela ansiava por uma conexão humana. Talvez ela desejasse criar o tipo de amizade idealizada que nunca teve. Não era meu papel culpar cada pequena coisa na situação familiar dela, mas eu tinha quase certeza de que sua relação fria com a mãe era, pelo menos em parte, responsável por isso.

Não que eu tivesse a intenção de ser a mãe substituta da Adachi, claro.

"Você não acha que meio que estraga a diversão planejar tudo com antecedência?" perguntei.

Era como se o Papai Noel me enviasse uma carta dizendo que estava vindo para minha casa e detalhasse exatamente o que ele iria me trazer. Para mim, não importava tanto se eu realmente gostava do presente em si; o *mistério* era a parte divertida. Talvez fosse porque eu tinha passado a vida sem realmente desejar algo específico.

Adachi considerou minha opinião por um momento e depois balançou a cabeça lentamente. "Surpresas são superestimadas; eu prefiro saber. Assim, eu não crio expectativas à toa."

"Sério...?"

Ela assentiu sutilmente. Pelo que parecia, ela sentia isso de verdade. Pessoalmente, eu tinha dificuldade em entender.

"Além disso, ainda há uma centena de outros problemas," ela acrescentou.

Eu a ouvi murmurar algo em voz baixa, mas ela estava tão curvada que mal consegui entender. *Problemas, hein? Bem, para cada um dos seus "problemas," eu tenho cem perguntas para acompanhar*.

Ainda assim, em vez de simplesmente seguir o fluxo, Adachi estava tentando nadar contra a correnteza. Ela tinha a coragem e a convicção que me faltavam,

e eu respeitava isso... mesmo que, às vezes, eu *sentisse* que ela estava me usando como um trampolim.

Então, foi isso que eu disse a ela: "Parece bom. Acho que você pode ser minha Valentim este ano."

***

Do meu ponto de vista, minha vida era uma longa e interminável névoa cinzenta... mas os acontecimentos de hoje, 4 de fevereiro, acrescentaram um pequeno toque de cor aos dez dias que se seguiram.